



MORRISON, Toni. **A origem dos outros: Seis ensaios sobre racismo e literatura.** São Paulo: Companhia das letras, 2019.

## TONI MORRISON ENSAISTA

Rodrigo Conçole Lage<sup>1</sup>  
UNISUL  
(rodrigo.lage@yahoo.com.br)

Durante muitos anos a escritora norte-americana Toni Morrison foi mais conhecida apenas por seus romances. Dos onze publicados dez foram lançados no Brasil: *Pérola Negra* em 1987 (*Tar Baby* no original), *Jazz* em 1992, *A canção de Solomon* em 1994, *Paraíso* em 1998, *O Olho Mais Azul* em 2003, *Amor* em 2005, *Amada* em 2007, *Compaixão* em 2009, *Voltar para casa* em 2016 e *Deus ajude essa criança* em 2018. *Sula*, de 1973, é o único que ainda não tinha sido traduzido<sup>2</sup>.

Por outro lado, sua obra infantil<sup>3</sup> gerou pouca repercussão e não teve maior divulgação. Até agora tivemos a tradução de *Quem Leva a Melhor?*, de 2008, e a de *O que me diz, Louise?*, que saiu em 2014, sendo que, curiosamente, o livro foi publicado pela editora Globo. Infelizmente, nós não temos ainda a tradução de *The Big Box*, de *The Book of Mean People*, de *Remember: The Journey to School Integration*, do *Peeny Butter Fudge* e do *Little Cloud and Lady Wind*. Provavelmente, devido a pouca repercussão que esses livros tiveram, não tenhamos outras traduções tão cedo, se é que um dia serão traduzidos.

Contudo, a maior lacuna do mercado editorial diz respeito a sua obra não-ficcional, que pode ser dividida em três grupos. Em primeiro lugar, Morrison editou – e, ao mesmo tempo, prefaciou – algumas obras. O fato de ter editado não é motivo para que estes livros não sejam também incluídos entre os seus trabalhos. Em 1974 editou *The Black Book*, em 1992, *Race-ing Justice*, *En-gendering Power: Essays on Anita Hill, Clarence Thomas, and the Construction of Social Reality*; em 1997, juntamente com Claudia Brodsky Lacour, editou *Birth of a Nation'hood: Gaze, Script, and Spectacle in the O.J. Simpson Case* e, em 2009, *Burn This Book: PEN Writers Speak Out on the Power of the Word*.

Em segundo lugar, temos os seus próprios livros, que são tão importantes quanto os que organizou. Em 2004, publicou o *Remember: The Journey to School Integration*. Em 2007, *Playing in the Dark: Whiteness and the Literary Imagination*. Em 2008, *What Moves at the Margin: Selected Nonfiction*. Em 2017, *The Origin of*

<sup>1</sup> Graduado em História (UNIFSJ). Especialista em História Militar (UNISUL). Professor de História da SEEDUC-RJ.

<sup>2</sup> A *Companhia das Letras* informou, pela *Rádio Companhia*, que será publicado em 2021: <<http://wavve.link/radiocompanhia/episodes?fbclid=IwAR32qTlCuwYM-4oOkmqy8W4SU8lVtjl09396cmvSQ0Bb7mwUXR9wGkHJ75M>>. Acesso em: 30 jan. 2021.

<sup>3</sup> A obra de Toni Morrison é composta, principalmente, de romances, livros infantis e livros de não-ficção. Das duas peças que escreveu somente *Desdemona* foi publicada em livro. Por outro lado, o libreto da ópera *Margaret Garner* também não foi publicado. Fora isso, temos textos isolados como, por exemplo, os contos *Recitatif* e *Sweetness*, os únicos que ela publicou, e as entrevistas.



*Others – The Charles Eliot Norton Lectures*. Em fevereiro de 2019, *Goodness and the Literary Imagination: Harvard Divinity School's 95th Ingersoll Lecture: With Essays on Morrison's Moral and Religious Vision*. Por fim, depois de sua morte, no dia 5 de agosto de 2019, foi publicado *The Source of Self-Regard: Essays, Speeches, Meditations*. Contudo, não sabemos se teremos ou não o lançamento de outros títulos.

Felizmente, depois de tantos anos, a editora *Companhia das Letras* resolveu dar início à publicação de seus livros de não-ficção. Em 2019 tivemos a publicação do *A fonte da autoestima* e, em 2020, a de *A origem dos outros*. Igualmente, não sabemos se a editora pretende continuar publicando outros volumes. Seja como for, agora podemos ter melhor conhecimento de uma parte importante de sua obra. Como acontece com outros escritores, muitos dos temas abordados nos seus ensaios aparecem de uma forma ou outra na sua produção ficcional, o que torna indispensável a sua leitura para os que já a conhecem.

Desde 1925 a cátedra de poesia Charles Eliot Norton, da Universidade de Harvard, promove a *Charles Eliot Norton Lectures*. No decorrer do ano acadêmico a pessoa convidada faz, normalmente, um total de seis palestras. A *Harvard University Press* publicou boa parte delas em livro. *A origem dos outros: Seis ensaios sobre racismo e literatura*<sup>4</sup>, lançado em 2017, é o conjunto das palestras proferidas por Morrison em 2016. São elas: *Romantizando a escravidão*, *Ser ou tornar-se o estrangeiro*, *O fetiche da cor*, *Configurações de negritude*, *Narrar o outro* e *O lar do estrangeiro*.

O livro inclui um prefácio de Ta-Nehisi Coates<sup>5</sup>, um escritor, quadrinista (trabalhando na Marvel escreveu histórias do *Pantera Negra* e do *Capitão América*) e jornalista negro dos Estados Unidos. Coates contextualiza as palestras de Morrison dentro do momento histórico em que foram proferidas e insere o livro dentro de um “conjunto de obras, desenvolvido ao longo do último século, que defenderam de modo eficaz a natureza indelével do racismo branco” (MORRISON, 2019, p. 11). Ele comenta algumas obras que trataram da questão e examina como a escritora a abordou para, de forma breve, discutir o problema do racismo dentro da sociedade norte-americana. O autor encerra o texto destacando a importância de sua obra, ressaltando o fato de que o livro, mesmo que não apresente uma solução para o problema, é uma ajuda bem-vinda para se refletir sobre o assunto.

No primeiro ensaio, *Romantizando a escravidão*, a autora descreve uma visita de sua bisavó quando era criança. Ao ver que ela e a irmã não eram tão negras quanto ela, as chamou de adulteradas. Morrison relatou o fato com o objetivo de discutir a questão do Outro, de como as descrições das diferenças raciais e culturais envolvem um juízo de valor, que faz parte da essência do racismo. Isso é

---

<sup>4</sup>O subtítulo *Seis ensaios sobre racismo e literatura* pertence a edição brasileira. Ele não consta no original. Ou seja, a classificação destes textos como ensaios não é da autora. Mas, se pensarmos que um ensaio é um texto opinativo no qual o autor expõe ideias, impressões pessoais, críticas, entre outras coisas, sobre algum tema, é compreensível que eles tenham sido classificados dessa forma. Nesse sentido, Morrison pode ser vista como uma ensaísta.

<sup>5</sup>No Brasil, além das revistas em quadrinho que escreveu, temos de Coates, traduzido em 2015 pela *Objetiva*, o livro *Entre o mundo e eu*, e, em 2020, pela *Intrínseca*, *A Dança da Água*.



de fundamental importância para a discussão do assunto. Por isso ela examina a presença desse juízo na noção de raça. Ao mesmo tempo, entende que: “Um dos objetivos do racismo científico é identificar um forasteiro de modo a definir a si mesmo” (MORRISON, 2019, p. 27). Assim, ao definir o Outro nós nos definimos. Na sequência, Morrison discute o que leva alguém a ser racista ou sexista, o que a conduz a uma crítica das “tentativas literárias de “romantizar” a escravidão” (MORRISON, 2019, p. 32). A autora analisa o romance *A cabana do Pai Tomás* como um exemplo dessa tentativa de romantização.

Por outro lado, revela como em seus romances, influenciada pela atitude da bisavó, ela discutiu estas questões. Em *O olho mais azul* tratou “do dano causado pela autodepreciação racial” (MORRISON, 2019, p. 37). Em *Paraíso*, o foco é o conceito de superioridade racial, e em *Deus ajude essa criança* tratou do “triumfalismo e o engodo promovido pelo colorismo” (MORRISON, 2019, p. 37). Por fim, informa que estava escrevendo um romance sobre “a educação de um racista” (MORRISON, 2019, p. 38). Infelizmente a escritora faleceu em 2019 e não sabemos em que estado ficou esse romance, que seria o ponto final de sua discussão sobre o assunto. Ela conclui com uma breve reflexão sobre a noção de raça, do papel psicológico da outremização<sup>6</sup> e de como a ida de imigrantes para os Estados Unidos, além da própria ideia de americanidade, envolvem a noção de que o imigrante viesse a “abraçar sua branquidão” (MORRISON, 2019, p. 40).

No segundo ensaio, *Ser ou tornar-se o estrangeiro*, a autora retoma parte das questões discutidas no anterior. O objetivo é demonstrar que “há vantagens muito importantes em criar e sustentar um Outro, é importante (1) identificar essas vantagens e (2) descobrir quais podem ser as consequências sociais e políticas de repudiar essas vantagens” (MORRISON, 2019, p. 41). Com essa finalidade, analisa o conto *The Artificial Nigger*, de Flannery O’Connor, visando discutir a importância do negro para a definição do branco. Discute a questão da definição de raça caucasiana e examina alguns relatos escritos por escravos, o que lhe permite discutir a relação senhor-escravo, partindo do princípio de que eles são fundamentais “para compreender o processo de Outremização” (MORRISON, 2019, p. 48).

Morrison chega a conclusão de que: “O risco de sentir empatia pelo estrangeiro é a possibilidade de se tornar estrangeiro. Perder o próprio status racializado é perder a própria diferença, valorizada e idealizada” (MORRISON, 2019, p. 54). Essa questão está presente nos romances *Compaixão* e *Paraíso*. Na sequência, narra um fato de sua vida para demonstrar como podemos impor nossa imagem a outras pessoas ou “nos tornarmos os estrangeiros que talvez abominemos” (MORRISON, 2019, p. 55). Nesse sentido, a linguagem, a experiência e a imagem podem levar à “eliminação das distâncias que nos separam do outro”

---

<sup>6</sup> Ela pode ser definida como a transformação de um indivíduo naquele que é visto como o Outro, sendo que este Outro é considerado inferior, um estrangeiro que não pertence a raça humana, o que confirmaria a humanidade daquele que outremiza: “A necessidade de transformar o escravizado numa espécie estrangeira parece ser uma tentativa desesperada de confirmar a si mesmo como normal” (MORRISON, 2019, p. 14).



(MORRISON, 2019, p. 61). Mas, ao mesmo tempo, também podem ser utilizados para nos afastar dele.

No terceiro ensaio, *O fetiche da cor*, focando na literatura, diz Morrison (2019, p. 66):

Objeto de constante fascínio para mim são as maneiras como a literatura usa a cor da pele para revelar o caráter ou impelir a narrativa, sobretudo se o personagem fictício principal for branco (o que quase sempre é o caso). Seja pelo horror de uma única cor do místico sangue “negro”, ou por sinais de superioridade branca inata, ou de um poder sexual perturbado e excessivo, a identificação e o significado da cor são muitas vezes o fator decisivo.

Ao longo do texto a autora discute como Faulkner e Hemingway trabalharam a questão da cor da pele em alguns livros. Ela associa o papel que essa questão exerceu na literatura norte-americana e nas leis existentes, mais especificamente as que foram reunidas no “*Black Laws of Virginia*” (MORRISON, 2019, p. 73). Segundo Morrison (2019, p. 75), “São leis arcaicas e, de certo modo, tolas. E embora não sejam mais aplicadas nem aplicáveis, elas proporcionaram a base sobre a qual muitos escritores evoluíram com grande estilo”. Após estas considerações, a escritora discute como, em vez de retratar os negros em sua obra, a partir da cor da pele, optou retratá-los por meio de sua cultura. Ela mostra como isso foi feito em *Paraíso*, *O olho mais azul*, *Deus ajude essa criança*, *Compaixão e Recitativo*.

Morrison inicia o quarto ensaio comentando a dificuldade de se definir a noção de negro e o que é a negritude. Por causa dessas dificuldades, “pode ser interessante, quando não literariamente esclarecedor, examinar as configurações desses termos e os usos literários aos quais são submetidos, bem como as atividades que inspiram, tanto violentas quanto construtivas” (MORRISON, 2019, p. 82). É o que ela vai fazer neste ensaio. Em relação a essas atividades, aborda a fundação de 50 cidades negras em Oklahoma, discutindo o fato de que somente “treze ainda existem” (MORRISON, 2019, p. 83), e alguns casos de linchamento de negros “ocorridos no século XX” (MORRISON, 2019, p. 90).

Ao mesmo tempo, a autora vai examinar como estes conceitos são configurados e, no que diz respeito aos usos literários, comenta como trabalhou essas e outras questões no romance *Paraíso*. Sua análise é de fundamental importância para uma melhor compreensão do romance. Pelas diferentes referências a este livro nos ensaios podemos dizer que ele ocupa um espaço importante dentro do conjunto de sua obra. Por fim, relata como a visita que fez a uma exposição de arte foi de importante para que ela vivenciasse a experiência de criar intimidade com mulheres desconhecidas e de aceitação do Outro. Este é um ponto crucial no pensamento da escritora porque a aceitação dele como um igual, em oposição a outremização, é a peça chave no combate ao preconceito racial.

No quinto ensaio, Morrison aborda o seu trabalho como editora sênior, explicando como procurou publicar o máximo de escritores afro-americanos que conseguisse. Como vendiam pouco, a autora procurou atrair leitores negros e isso a



“levou a imaginar o que viria a se transformar em *The Black Book*” (MORRISON, 2019, p. 106). Explica que um dos textos do livro era um artigo de jornal sobre a escrava Margaret Garner, que tinha fugido com outros familiares e havia tentado matar todos os seus filhos “quando os policiais e caçadores de escravos chegaram à casa em que estavam escondidos” (MORRISON, 2019, p. 106). Só alguns foram mortos e Garner explicou que tinha feito isso porque não queria que eles voltassem a ser escravos e sofressem como ela. Todos os fatos apontam para a interpretação de que ela tem como foco o Outro.

Ao falar sobre o que chamou sua atenção nesta história (com destaque para o desejo de entender a sogra de Garner), explica que ela deu origem ao romance *Amada*. Contudo, a autora não foi a única a se interessar pelo assunto. Anos depois ocorreu a publicação de uma biografia, escrita por Steven Weisenburger. Por isso, Morrison aponta algumas diferenças existentes entre os dois livros. Na sequência, faz uma longa análise do próprio romance, discutindo as diferenças existentes entre a ficção e os fatos históricos. Explica que Garner não foi condenada porque foi vista como um bem, e não como um ser humano, e revela que a personagem principal do romance é a filha assassinada. Morrison conclui afirmando que a literatura dá ao escritor a “oportunidade de ser e de se tornar o Outro” (MORRISON, 2019, p. 121), o que é de fundamental importância se queremos entendê-lo.

Por fim, no sexto e último ensaio, Morrison inicia o texto falando sobre a questão da imigração. Como “o movimento de massas de pessoas na segunda metade do século XX e no início do XXI é o maior que já se viu” (MORRISON, 2019, p. 121). Ao longo do texto vai examinar os motivos que levam a essa jornada, os aspectos negativos e positivos. Ao mesmo tempo, vai discutir a questão da globalização e de como ela diverge de outras propostas semelhantes que surgiram a partir da década de 1950. A partir dessas análises, a escritora aborda, por meio da literatura, questões ligadas ao estrangeiro. De forma mais específica:

o borrão entre dentro e fora que pode entronizar fronteiras e limites, reais, metafóricos e psicológicos, enquanto lutamos com definições de nação, Estado e cidadania, bem como com os problemas persistentes do racismo e das relações de raça, e com o chamado choque de culturas em nossa busca por pertencimento (MORRISON, 2019, p. 129).

Ela fala de sua infância, da visão que tinha da África dizendo que “era ao mesmo tempo nossa e deles, intimamente conectada a nós e profundamente estrangeira” (MORRISON, 2019, p. 131), sobre a leitura de livros cujas histórias eram ambientadas no continente africano, citando alguns autores, para criticar sua visão estereotipada do continente. Ela cita Joyce Cary, Elspeth Huxley, H. Rider Haggard, Joseph Conrad, Isak Dinesen, Saul Bellow e Ernest Hemingway. Por fim, Morrison comenta o romance *The Radiance of the King*, do escritor guineano Camara Laye, que apresenta uma visão muito diferente e lhe permite discutir, a partir do ângulo de um homem branco na África, a questão do estrangeiro e da relação com o outro de modo geral.



Por tudo o que foi dito, podemos ver que o livro apresenta a síntese do pensamento da autora sobre questões ligadas ao Outro e ao racismo, que é o eixo central de sua produção literária. É uma obra de fundamental importância para os que se interessam pela obra de Morrison, por sua contribuição para o enfrentamento do racismo e para se discutir uma série de questões ligadas à nossa relação com o outro.

Recebido em: 30/12/2020

Aprovado em: 26/02/2021